



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 12 – Nº 25 – Janeiro – Junho 2017
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

Resenha:

LINGUAGEM E CULTURA

Autora:

CARBONERA, Renata Getelina¹

¹ regetelina@yahoo.com.br

Resenha:

LINGUAGEM E CULTURA

ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**: a tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998.

Publicado em 1982, em língua inglesa, traduzido e editado no Brasil em 1998, a obra “Oralidade e Cultura Escrita” foi escrita pelo padre jesuíta americano Walter J. Ong, professor de literatura inglesa, filósofo, historiador nos campos cultural e religioso e um dos principais intelectuais do século XX. Desenvolveu importantes estudos no campo da oralidade e da escrita, principalmente explorando as mudanças culturais e psicológicas ocorridas na transição entre ambas. Em suas pesquisas na área da comunicação, Walter Ong interessava-se por assuntos relacionados a oralidade e a transição de culturas orais para culturas escritas além de desenvolver estudos sobre a importância da invenção do impresso e de uma posterior cultura eletrônica. Ong faleceu em agosto de 2003, aos 90 anos.

O livro “Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra” é uma obra que estrutura-se em 223 páginas e 7 capítulos e busca analisar as relações entre a oralidade e a cultura escrita, demonstrando como o pensamento e a expressão de ambas as formas de linguagem se diferenciam, ao mesmo tempo em que investiga a atividade oral como recurso comunicativo e participante dos processos cognitivos. De acordo com o autor:

O tema deste livro são as diferenças entre oralidade e cultura escrita.[...] ou, o tema é, em primeiro lugar, o pensamento e sua expressão verbal na cultura oral - estranha e por vezes extravagante para nós - e, em segundo, o pensamento e a expressão na cultura escrita no que diz respeito a seu nascimento na oralidade e a sua relação com ela (p. 9).

Desse modo, esta obra caracteriza-se em um estudo fundamental para os sujeitos que se interessam pelo tema da oralidade e da invenção da escrita. De acordo com Ong (1998), a sociedade formou-se primeiramente com o auxílio do discurso oral e somente muito tempo depois, mais especificamente em determinados grupos, é que se tornou letrada, por isso:

É útil abordar a oralidade e a cultura escrita de modo sincrônico, pela comparação entre culturas orais e culturas quirográficas (ou seja, escritas) que coexistem num

dado período. Mas é absolutamente essencial abordá-las também diacrônica ou historicamente, pela comparação entre períodos sucessivos (p. 10).

Em vista disso, o autor esclarece que existe uma grande quantidade de obras acerca das diferenças entre a linguagem escrita e a falada, bem como estabelecem comparações da linguagem de pessoas que sabem ler e escrever. No entanto, Ong pontua que este estudo não se ocupa de tais aspectos, mas abordada prioritariamente a oralidade primária, isto é, das pessoas que desconhecem inteiramente a escrita e que não são estudadas, mas aprendem ouvindo e repetindo, fazendo uso de provérbios e frases que expressam a sabedoria vivenciada e observada nas práticas culturais coletivas.

Neste sentido, conforme o autor, mesmo nas comunidades de oralidade secundária, que correspondem àquelas que possuem uma cultura em que a oralidade é veiculada pelos meios de comunicação modernos e tecnológicos é possível encontrar resquícios de oralidade em meio a textos escritos e que são preservados com a finalidade de suporte estrutural.

Observa-se ainda que o autor analisa as relações entre a oralidade e a cultura escrita, comprovando o pensamento e a expressão das modalidades da língua que se diferenciam, ao mesmo tempo que se investiga a atividade oral como solução participante e comunicativa. Tanto o linguista, como o contemporâneo inglês destacam a dimensão sonora das palavras, pois o primeiro considera a escrita um complemento do discurso oral e não transformadora da verbalização.

Destaca-se que é através de um estudo da natureza oral dos epítetos homéricos na *Odisseia* e na *Ilíada* que o assunto começa ter a atenção dos teóricos da linguística aplicada e da sócio linguística. Ong verificou grande número de autores comparando a linguagem falada e a escrita de falantes, sua abordagem dá privilégio a oralidade primária (pessoas que não sabem ler nem escrever), pois aprendem ouvindo e repetindo, usando de provérbios, expressam a sabedoria dos que vivenciam as práticas culturais coletivas, não estudam.

O poeta oral possuía um repertório abundante de epítetos diversificados o bastante para fornecer um epíteto para qualquer exigência métrica que pudesse surgir à medida que ele costurava sua história - diferentemente em cada narração, pois, como veremos, os poetas orais não trabalham normalmente com base na memorização palavra por palavra de seu poema. (p. 30).

A oralidade é veiculada pelos meios de comunicação modernos sendo possível encontrar sinais preservados de oralidade em meio a textos escritos dando suporte estrutural,

mesmo nas comunidades de oralidade secundária, que por aversão à primária, corresponde àquelas que possuem cultura de alta tecnologia.

Já para saber o que é uma cultura oral primária e qual a natureza do problema em relação a uma cultura semelhante, convém refletir sobre a natureza do próprio som como tal. Toda sensação ocorre no tempo, mas o som possui uma relação especial com ele, diferente da que existe em outros campos registrados na sensação humana. O som existe apenas quando está deixando de existir. Ele não é apenas perecível, mas é essencialmente evanescente e percebido como evanescente.

O som sempre exerce um poder. Um caçador pode ver um búfalo, cheirar, sentir seu gosto e tocá-lo quando o búfalo está completamente inerte, até mesmo morto, mas, se ouve um búfalo é melhor tomar cuidado: algo está acontecendo. Nesse sentido, todo som, especialmente a enunciação oral, que vem de dentro os organismos vivos - é "dinâmico". (p. 43).

A palavra oral nunca existe num contexto puramente verbal, como ocorre com a palavra escrita. As palavras proferidas são sempre modificações de uma circunstância total, existencial, que sempre envolve o corpo. A atividade corporal que acompanha a mera vocalização não é eventual ou arquitetada na comunicação oral, mas natural e até mesmo inevitável. Na verbalização oral, particularmente a pública, a imobilidade absoluta é em si um gesto que impressiona.

Nas culturas orais o significado da palavra se diferencia da cultura escrita, nas primeiras, palavras existem a narrada, perecível e permanece o som, já na segunda ela é recuperável, armazenada em livros, o poder atribuído às palavras nas comunidades orais são a palavra proferida é depositária de uma dimensão mágica. Na cultura oral a sujeição das palavras ao som é determinante para as maneiras de expressá-las, assim como para os processos mentais que a produzem.

Como as ideias não podem ser anotadas, o pensamento necessita do amparo virtual da comunicação. Para reter e recuperar o pensamento, assim, ritmo, antíteses, aliterações, assonâncias e sintaxe são elementos que, entrelaçados, auxiliam no processo de memorização das formas poéticas, como: provérbios, adágios e partes temáticas de narrativas, dentre elas o herói e o combate. Ouvindo, assimilando e repetindo o que ouvem, que os participantes de culturas orais aprendem o domínio das fórmulas padronizadas do discurso poético e se tornam após a reproduzi-las, e até recombina-las no retorno.

Todos os sons registram as estruturas interiores do que quer que os produza. Um violino cheio de concreto não soará como um violino normal. Um saxofone soa diferentemente de uma flauta: sua estrutura interna é diferente. E, acima de tudo, a voz humana vem do interior do organismo humano, que fornece as ressonâncias vocais. (p. 85).

O pensamento e a expressão nas culturas orais tem uma propensão mais conservadora e próxima aos hábitos do cotidiano, os processos de pensamento e expressão nasceram de competências naturais, sendo inegável o avanço tecnológico possibilitado pela escrita na ciência, nas artes e mesmo na linguagem, as culturas orais geram vocalizações artísticas valiosas que são para mentes letradas, onde o processo cognitivo surge não de capacidades naturais, mas da organização estrutural dessas capacidades,

A escrita, ou registro escrito, como tal, difere da fala pelo fato de que não brota inevitavelmente do inconsciente. O processo de registrar a linguagem falada é governado por regras conscientemente planejadas e inter-relacionadas: por exemplo, um certo pictograma significará uma certa palavra específica, ou *a* representará um certo fonema, *b* um outro e assim por diante (p. 97)

Dizer que a escrita é artificial não é condená-la, mas sim elogiá-la, em outras criações artificiais ela é inestimável e de fato fundamental para a realização de potenciais humanos mais elevados, interiores. As tecnologias não constituem meros auxílios exteriores, mas, sim, transformações interiores da consciência e, mais ainda, quando afetas à palavra. Tais transformações podem ser enaltecidas. A escrita aumenta a consciência, a alienação de um meio natural pode ser boa para nós e é em muitos aspectos fundamental para a vida humana plena. Para viver e compreender plenamente, necessita-se não da proximidade, mas da distância, essa escrita alimenta a consciência como nenhuma outra ferramenta.

Da Antiguidade grega em diante, a predominância da retórica no conhecimento acadêmico criou no mundo letrado uma impressão, real mas muitas vezes vaga, de que a oratória constituía o paradigma da expressão verbal e manteve o tom agonístico do discurso alto pelos padrões atuais. A própria poesia foi absorvida pela oratória epidéutica e considerada relacionada ao encômio ou à censura.

De modo paradoxal, o latim culto estava relacionado com a oralidade e com a cultura escrita, era uma língua quirograficamente controlada. Não havia usuários puramente orais, mas o controle quirográfico do latim culto não impediu sua aliança com a oralidade, a textualidade que mantinha o latim enraizado na Antiguidade Clássica o mantinha enraizado na oralidade, pois o ideal clássico de educação havia sido produzir não o escritor competente, mas o orador público. A gramática do latim culto provinha desse mundo oral, assim seu

vocabulário básico, embora como todas as línguas realmente em uso, incorporasse milhares de novas palavras ao correr dos séculos.

Da dimensão oral à perspectiva imagética, a escrita institui uma espécie de distanciamento que aponta para um refinamento da palavra, já que os procedimentos de escolha para registro correspondem a regras determinadas, sendo que a palavra pode ser apagada ou anulada no texto, com a palavra impressa os modos de apreensão e transmissão dos textos mudam, a ciência e a literatura são afetadas pela qualidade e capacidade de reprodução, o que contribuiu para a evolução das capacidades analíticas e interpretativas. Não somente a oralidade como meio comunicativo comprometido com os processos do pensamento, mas o abalo provocado pela aquisição da escrita nos processos de apreensão do conhecimento humano.

Atualmente, quando os currículos registram a retórica como uma matéria, isso significa meramente o estudo de como escrever com competência, ninguém conscientemente lançou um programa para dar essa nova orientação à retórica: a "arte" seguiu a tendência da consciência de uma economia oral para uma economia escrita. A mudança da oralidade para a cultura escrita e, depois, para o processamento eletrônico envolve estruturas sociais, econômicas, políticas, religiosas entre outras.

O deslocamento sensorial realizado pela obtenção da escrita transforma a palavra e o uso dela como modos de pensamento, com a palavra impressa, os modos de apreensão e transmissão dos textos se modificam, a ciência e a literatura são afetadas pela qualidade e capacidade de reprodução contribuindo para a evolução das capacidades analíticas e interpretativas dos leitores, assim apresenta-se nessa obra não só a oralidade como meio comunicativo comprometido com os processos do pensamento, mas juntamente com o abalo provocado pela conquista da escrita nos processos de apreensão do conhecimento humano, essa amostra veio reconduzir o tema da oralidade para novas possibilidades de conexões com outros estudos futuros.